

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E O MOVIMENTO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO

Julia Cristina Granetto Moreira¹
Beatriz Helena Dal Molin²

Resumo

Este artigo pretende refletir sobre o papel que ocupa da Educação a Distância (EaD) na Sociedade Convergente, discutindo como a modalidade, com a presença da Tecnologia de Comunicação Digital (TCD), está ganhando cada vez mais destaque e credibilidade, tanto a nível de Brasil como global. A EaD cumpre hoje o papel de tornar a educação mais inclusiva e democrática, neste sentido, a maneira de ensinar com a modalidade não deve ser vista como a mera transposição do ensino presencial, mas sim possibilitando novos e outros territórios. Neste sentido, abordaremos no artigo a possibilidade de uma desterritorialização da EaD, conforme conceitos de Deleuze e Guattari, de maneira que tal modalidade esteja de fato em sintonia com o momento convergente que vivenciamos.

Palavras-chave: Educação a Distância; Tecnologia de Comunicação Digital; Território; Desterritorialização.

¹ Doutoranda do Programa em Letras/Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Oeste do Paraná

² Pós- Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Professora do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste. Coordenadora da Educação a Distância (EAD) da mesma instituição superior de ensino.

DISTANCE EDUCATION AND THE DESTERRITORIALIZATION MOVEMENT

Abstract

The aim of this study is to discuss the role that Distance Education plays in Convergent Society, discussing how the modality, with the presence of Digital Communication Technology (DCT), is gaining more prominence and credibility, both in Brazil and globally. Today the distance education plays the role of making education more inclusive and democratic, in this sense, the way to teach with the modality should not be seen as a simple transposition of the classroom teaching, but enabling new and other territories. In this sense, we discuss in this study the possibility of a deterritorialization of distance education as the concepts of Deleuze and Guattari, it will be able to make the modality is in fact in tune with the convergent moment that we experience.

Key words: Distance Education; Digital Communication Technology; Territories; Desterritorialization.

INTRODUÇÃO

A escrita deste artigo justifica-se pela atuação crescente da Educação a Distância (EaD) nos últimos anos com a presença da Tecnologia de Comunicação Digital (TCD) e por acreditarmos que tal modalidade de ensino tem o poder de possibilitar que os conhecimentos sejam compartilhados de forma mais democrática e inclusiva, tratando-se de Brasil, como um país continental, com a necessidade de ajustar e suprir carências e lacunas no setor educacional.

Um dos motivos da modalidade Educação a Distância se destacar nos últimos anos como modalidade de ensino se deve aos fortes investimentos de instituições privadas e

programas governamentais, sendo que a modalidade é ofertada, de acordo com o Censo EaD Brasil - 2014³ por 271 instituições de ensino.

O que nos inquieta no trabalho é discutir se de fato estamos possibilitando uma nova maneira de ensinar e aprender com a EaD, ou apenas reproduzindo práticas da educação presencial. Por isso a justificativa do título, este movimento de desterritorialização seria a saída de um território já demarcado, já conhecido. Usamos os conceitos de território e desterritorialização nos apoiando nos autores Gilles Deleuze e Guattari.

O território, que chamamos neste trabalho, é a Educação a Distância, a qual está em constante processo de construção. São muitos os vetores para que ocorra a desterritorialização, sendo a formação de equipes multidisciplinares para tal modalidade; o desenvolvimento de Objetos Digitais de ensino-aprendizagem; investimentos em políticas para que possam atender ao novo ambiente pedagógico da EaD e etc.

O TERRITÓRIO

No Brasil, a modalidade de educação a distância já acontece há mais de um século, mas oficialmente obteve respaldo legal para sua realização com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 –, que estabelece, em seu artigo 80, a possibilidade de uso orgânico da modalidade de Educação a Distância em todos os níveis e modalidades de ensino (BRASIL, 2007).

O governo Federal, mais especificamente a Universidade Aberta do Brasil (UAB), considera a Educação a Distância como uma modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2005).

³ Censo EaD Brasil 2014 – disponível em: http://www.abed.org.br/censoead2014/CensoEAD2014_portugues.pdf. Acesso em 26 de julho de 2016.

No entanto, nem sempre a EaD apresentou-se com presença das tecnologias digitais. Resgatando sua história, a modalidade inicia com o ensino por correspondência, logo após com a tecnologia de informação, contando com a rádio e televisão. Antes ainda das tecnologias digitais, mais precisamente com a internet, operando sem o espírito da Second Life, não havia uma interação entre os envolvidos. Foi somente mais tarde com a Internet 2.0 ou Second Life, com ambientes virtuais mais interativos e com maior capacidade de desempenho que se deu o acesso à forma de comunicação que temos e conhecemos hoje.

De acordo com Vianney, Torres e Silva (2003) o Second Life é uma ferramenta tecnológica que propicia um Ambiente Virtual de Aprendizado (AVA) e está classificado de acordo com a quarta e quinta geração da EAD no Brasil. Estando a primeira geração em torno de processos educacionais realizados via correspondência, a segunda corresponde à mediação educacional por televisão e rádio, a terceira por meio da Internet e a quarta e quinta geração por ambientes virtuais de aprendizagem que implicam em uma imersão virtual do estudante/usuário.

Com o ensino por correspondência, televisão e rádio, a comunicação entre os envolvidos na EaD era limitada, os estudantes apenas recebiam informações, conhecimentos prontos, não tinham acesso à emissão, limitavam-se a ser expectadores e ocupavam um papel meramente passivo. São muitos anos de ensino unidirecional que deram a nossa sociedade muitos dos usos e costumes que temos hoje. Da mesma forma, são muitos os anos recebendo informação sem a possibilidade de tentar caminhos outros, de produzir conhecimentos novos no dia a dia da escola.

Neste sentido, destaca-se o território democrático que as redes possibilitaram a Educação a Distância, se antes o estudante fazia o papel de expectador, hoje, com a Tecnologia de Comunicação Digital ele ganha voz e ocupa o papel de protagonista, podendo participar, se o centro educacional permitir, opinando, construindo juntamente com o professor um conhecimento novo, ou pode arriscar-se e descobrir as vias para ele mesmo assumir com a orientação do seu professor maior responsabilidade em seu processo de construir seu caminho de aprendizagem. Na teoria é assim, mas e na prática? Será que

estamos construindo realmente uma nova maneira de fazer Educação a Distância? Ou reforçamos uma EaD limitada, confundida muitas vezes com “aula filmada”, ou ainda, com simplesmente “botar textos no moodle”? (VITKOWSKI, 2014).

Em tempos de sociedade da convergência (JENKINS, 2009), se faz necessário que os atores da EaD estejam atentos e percebam que a configuração da sociedade está modificando cada vez mais com a presença dos nativos digitais e que a TCD possibilita o intercâmbio hipertextual de informação, novas maneiras de ensinar e aprender. A Educação a Distância, em muitos sentidos, funciona como “o descobrimento de um novo continente: uma abundância de solo fértil para desenvolver e inovar” (DANS, 2010). E ela nos dá muitas possibilidades que ainda estamos começando a explorar.

A Educação a Distância no Brasil é um território conhecido, mas que passa por um momento peculiar, de mudanças, não apenas em sua estruturação, mas de políticas educacionais: “depois de uma fase de desenvolvimento, de busca de modelos para cada instituição, parece desejável que cresça e tome força um movimento de aprimoramento de projetos e estratégias utilizadas, bem como, um movimento de reavaliação dos rumos da EaD”. (VITKOWSKI, 2014, p. 33).

A Tecnologia de Comunicação Digital provoca deslocamentos, e nos questionamos sobre que queremos e quem somos como sociedade. Também nos desafia a encontrar novos modelos para novas situações, novos territórios de modo que enquanto seres em conexão possamos “erigir o novo evento das coisas e dos seres, dar-lhes sempre um novo acontecimento: o espaço, o tempo, a matéria, o pensamento, o possível como acontecimento” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 45).

A noção de território é compreendida num sentido muito amplo. Os seres existentes se organizam, segundo territórios que se delimitam e os articulam aos outros existentes. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. Deleuze (1988) afirma que “mesmo numa sala, escolhemos um território. Entro numa sala que não conheço, procuro o território, lugar onde me sentirei melhor”, para o autor o território é o domínio do ter. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e

representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; RONILK, 2010). A produção de territórios pela sociedade pode ser entendida como ações que buscam legitimar o controle de um conjunto de lugares, processos e ideias com delineamentos bem definidos.

Como vemos, o território é fechado sobre si mesmo é sinônimo de apropriação e, além do mais, é constituído por características próprias que o delimitam. Considerando o contexto da Educação a Distância como um território demarcado, no qual já está posto o que deve ser aprendido e ensinado, marcado por políticas predefinidas, com atores fragmentados, em que cada qual elege e demarca seu território dentro deste território maior, desconsiderando muitas vezes a multiplicidade, a singularidade dos ambientes inclusivos e idiossincráticos, é urgente e necessária uma desterritorialização da EaD.

EaD E A DESTERRITORIALIZAÇÃO

Criamos e recriamos territórios constantemente, esta é a evolução natural que, no entanto, não segue esta lei, quando se trata de educação e de outros setores de regulação da sociedade. A todo o momento novas ideias e concepções nascem levando ao abandono de antigos territórios levando às vezes a momentos de desterritorialização, por meio de linhas de fuga, tão necessárias por fazerem com que os que assumem esta “aventura” vivem experiências e arrisquem experimentações surpreendentes e inovadoras.

Deleuze e Guattari (1995, p. 110) chamam de desterritorialização, o modo como saímos do território, estando nele, “a terra não cessa de operar um movimento de desterritorialização *in loco*, pelo qual ultrapassa todo o território: ela é desterritorializante e desterritorializada”. Uma ação de desconstruir e reconstruir, compreendendo o que está proposto, um novo território, pois a desterritorialização não é o ponto de chegada, ela faz parte de todo um processo de criação de novos territórios e, se preciso, abandonando por

completo alguns territórios. Como nos coloca Deleuze e Guattari (1995, p. 238) “a desterritorialização é o movimento pelo qual ‘se’ abandona o território”.

A ideia deste artigo não consiste em defender o abandono do território EaD, mas sim refletir sobre as possibilidades de desterritorialização da Educação a Distância, na busca de encontrar novos saberes, com novos ritmos, de maneira múltipla, pois “a desterritorialização nunca é simples, mas sempre múltipla e composta” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 239).

(...) construímos um conceito de que gosto muito, o de desterritorialização (...) precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte. (DELEUZE, 1988).

No movimento de desterritorialização é necessário compreender que o território não desapareça, mas se altera e adquire novos sentidos. A Educação a Distância vista de maneira desterritorializada é rizomática e a ela não interessa criar modelos, propor caminhos, impor soluções, o que importa é criar conexões, redes, singularizar e “rizomatizar” (GALLO, 2008).

Além do mais, nas modalidades educativas que tem perfil rizomático, os atos e as singularizações são coletivos, a partir do respeito por cada singularidade manifesta e é este respeito a elas e ao se conectarem e se interconectarem que geram multiplicidades. As interações ocorrem em rede, como o rizoma que não tem início nem fim, mas intensidades no meio, “não há sujeitos, não há objetos, não há ações centradas em um ou outro; há projetos, acontecimentos, individuações sem sujeitos. Todo projeto é coletivo. Todo valor é coletivo. Todo fracasso também” (GALLO, 2008, p. 175).

Ao retirar-se do território em direção a outro com propriedades diferentes, ocorre a desterritorialização, o princípio da ruptura a-significante, em que o rizoma não pressupõe qualquer processo de significação, de hierarquização. Embora seja estratificado por linhas, sendo assim territorializado, organizado etc., está sempre ligado às linhas de fuga que apontam para novas e insuspeitas direções (GALLO, 2001).

Desterritorializar-se não significa a volta a uma territorialização anterior, como uma volta a um estado anteriormente existente. A desterritorialização se desenvolve enquanto processo que ao retornar é outro. Ela implica necessariamente um conjunto de artifícios pelos quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade nova a outro que também perdeu a sua (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 41).

Para que o movimento de desterritorialização aconteça, é preciso estender e desejar um encontro com as linhas de fuga que quase sempre são abertas e hipertextuais, só assim os agenciamentos territoriais terão novos ritmos, novas sintonias, de modo que outras possibilidades de construção da Educação a Distância se constituam como território/espço de criação, de autoria sempre aberto a novas desterritorializações e reterritorializações, tecendo-se rizoma.

Criar um novo território é aventurar-se, é trilhar caminhos diferentes e diversos, é abrir-se para novos agenciamentos, é sair do espaço sedentário, estriado, é encontrar através das linhas de fuga outras e novas possibilidades. Essas linhas podem ser pontos de singularidades e possibilidades criativas que surgem do atrevimento nômade perquirido nos novos mundos, em nova vida.

Deleuze e Guattari (1997) classificam como nômade todo processo, seja ele: político, coletivo, individual, psíquico etc., que traça uma linha de fuga para além dos aparelhos do Estado quase sempre sedentários em seu modo de aceitar ou permitir o novo. Há uma grande diferença entre o espaço sedentário e o liso: para os autores o espaço sedentário é estriado, cercado por muros e caminhos entre cercados, enquanto o espaço nômade é liso, marcado apenas por traços que se apagam e se deslocam com o trajeto.

Elucidando os conceitos de liso e estriado com a metáfora do tricô, ou do crochê e do feltro, Deleuze e Guattari (1997, p. 170) comentam que as agulhas tricotam um espaço estriado, sendo que uma das agulhas desempenha o papel de cadeia, e a outra de trama, ainda que alternadamente, já o feltro, ao contrário, “traça um espaço aberto em todas as direções, prolongável em todos os sentidos, ainda que esse espaço tenha um centro”.

Se o modelo de Educação a Distância, vigente no Brasil, não se modificar, se recriar ao compasso dos rizomas que estão em constante transformação, estarão fadados ao fracasso e continuarão produzindo conhecimentos hierarquizados e desvinculados da sociedade e do mundo digital da qual participamos. Imitar o nômade, como coloca Deleuze, é uma via, uma linha a ser observada e quiçá seguida, pois o nômade cria e recria territórios (DELEUZE, 1988). A modalidade a Distância necessita criar e recriar territórios que sejam flexíveis e conectados nas mudanças locais e globais da sociedade convergente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Era da Convergência é importante e relevante a reflexão sobre novas metodologias e pedagogias para a educação a distância. De modo que todos os atores, estudantes, professores, tutores e demais, ocupem o papel de protagonistas dos seus próprios aprendizados e em que todos terão algo para ensinar e para aprender, livre das amarras de um modelo determinando de educação.

O caminho para as mudanças requer o movimento de desterritorialização, conforme teoria de Deleuze e Guattari, para termos uma EaD que além de contribuir para a sociedade de maneira democrática e inclusiva, garanta um ensino de qualidade e condizente com as Tecnologias de Comunicação Digital.

Muitas ações podem ser realizadas para que o movimento de desterritorialização aconteça na EaD. Por exemplo a abordagem transversal e transdisciplinar, em que as disciplinas estejam pensadas de maneira integrada e não fragmentada e um modo rizomático de se produzir conhecimento, em que todos aprendam e todos possam ensinar algo, possibilitando àqueles que optam pela EaD estabelecerem um relacionamento mais harmonioso com o universo e com os novos conhecimentos, garantindo uma educação que se construa não apenas pelo manuseio dos aparatos tecnológicos, mas para além dele, pelo incentivo ao desenvolvimento de competências técnicas, conceituais e, sobretudo, humanas.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/lei/112433.htm. Acesso em: 10 dez. 2015.

_____. **DECRETO NO. 5.622 DE 19/12/2005**. Diário Oficial da União. Disponível em: Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/dec_5622.pdf. Acesso em: 08 dez. 2015.

DANS, Enrique. **Todo va a Cambiar: Tecnología y evolución: adaptarse o desaparecer**. Centro Libros PAPP, S.L.U, Barcelona España – 2010.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista com G.Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: *Éditions Montparnasse*, 1997, DVD, 459min.

_____. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. 1988. Transcrição na íntegra. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>> Acesso em: 14 de Outubro de 2015.

DELEUZE, Gilles. GUATARI, Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1995.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1997.

_____. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munôz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. Conhecimento, transversalidade e currículo. In: Reunião anual da ANPED, 24. Programa e resumos. **Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, Caxambu, MG, 2001.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2ª Ed. São Paulo: Aleph, 2009.



VIANNEY, TORRES e SILVA, João, Patrícia e Elizabeth. **A Universidade Virtual do Brasil**. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001398/139898por.pdf> acesso em 27 de julho de 2016.

VITKOWSKI, José Rogério. **Experimentação dos professores na EaD: formas, ritmos, linhas, rizoma**. 2014. 289f. Tese de doutorado em Educação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.



Julia Cristina Granetto Moreira

Doutoranda do Programa em Letras/Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, Paraná.

Beatriz Helena Dal Molin

Pós Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Professora do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste. Coordenadora da Educação a Distância (EAD) da mesma instituição superior de ensino.

Artigo recebido em 24/02/2016

Aceito para publicação em 27/07/2016

Para citar este trabalho:

MOREIRA, Julia Cristina Granetto ; MOLIN, Beatriz Moreira Dal, EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E O MOVIMENTO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO. Revista Paidéi@. Unimes Virtual. Vol.8. Número 14 – JUL. 2016 . Disponível em:

<http://periodicosunimes.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=index>

Acesso em: __/__/__